

FUTEBOL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E SUAS ADAPTAÇÕES NO PAÍS DO FUTEBOLRafael Estevam Reis¹
Fernando Marinho Mezzadri¹**RESUMO**

No Brasil, o futebol é o esporte mais praticado e que concentra boa parte da atenção dos praticantes e expectadores. Podemos entendê-lo como um fenômeno social e elemento importante da cultura brasileira. Dessa forma, muitas pessoas com deficiência buscam no futebol uma oportunidade de prática esportiva. O objetivo do trabalho é apresentar as adaptações do futebol para pessoas com deficiência e compreender o fenômeno inclusivo do futebol através do paradesporto. Analisamos seis modalidades, futebol de cinco, futebol de sete, futebol para amputados, futebol para deficientes intelectuais, futebol para deficientes auditivos e Power soccer ou futebol para cadeirantes. Concluímos que as modalidades paradesportivas adaptadas do futebol permitem a inclusão de pessoas que tenham algum tipo de deficiência.

Palavras-chave: Futebol. Paradesporto. Adaptações.

ABSTRACT

Football for people with disabilities and their adaptations in the football country

In Brazil, football is the most practiced sport and it concentrates a good part of the attention of the practitioners and spectators. It is possible to understand it as a social phenomenon and an important element of Brazilian culture. Regarding to this, many people with disabilities seek in football an opportunity for sports practice. The aim of this work is to present the adaptations of football for people with disabilities and to understand the inclusive phenomenon of football through the Paradesport. It was analyzed six modalities, five-a-side football, seven-a-side football, amputee football, football for the mentally handicapped, football for the hearing impaired and Power football or football for wheelchair users. It was concluding that the adapted sport modalities allow the inclusion of people with some type of disability.

Key words: Football. Paradesport. Adaptations.

1-Universidade Federal do Paraná (UFPR),
Paraná, Brasil.

E-mails dos autores:
rafael_e_reis@hotmail.com
fmezzadri@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais praticado no mundo. No Brasil, é o esporte que concentra boa parte da atenção dos praticantes e expectadores.

Podemos entendê-lo como um fenômeno social e elemento importante da cultura brasileira (Rinaldi, 2000).

Muitos jovens se espelham no sucesso obtido por jogadores que conseguem se profissionalizar e seguir a carreira jogando futebol. Dentre esses jovens, muitos deles com deficiência, veem no futebol um momento de diversão e em muitos casos, um processo de reabilitação oriundo de suas deficiências.

Segundo Franco Júnior (2007): “ninguém nega, sem dúvida, o lugar de destaque que o futebol ocupa no mundo contemporâneo. Nos cinco continentes ele mobiliza profissionalmente, de forma direta e indireta, dezenas de milhões de pessoas. Mais significativo, ele mobiliza emocionalmente várias centenas de milhões de indivíduos” (Franco Júnior, 2007, p.14).

No paradesporto, poucos são os atletas que conseguem sobreviver apenas como atleta, isso não impede de cada dia mais jovens atletas com deficiência busquem seguir uma vida de competições, ainda mais com os bons resultados obtidos pelo Brasil nas últimas edições de Jogos Paralímpicos, principalmente com a edição realizada no Rio de Janeiro 2016 que trouxe uma maior visibilidade das modalidades até então desconhecidas de boa parte da população brasileira.

Além da possibilidade de se tornar um atleta, o paradesporto propicia à pessoa com deficiência a possibilidade de inclusão. Uma inclusão através do envolvimento e pertencimento que poucas áreas da sociedade permitem.

Neste contexto que entra o futebol, modalidade mais adaptada para pessoas com deficiência que seguem regras oriundas de uma entidade que as administra.

O Paradesporto brasileiro apresenta uma configuração administrativa diferente do esporte convencional (Reis, 2014), que deve ser compreendida junto a cada modalidade que iremos analisar.

Além dessa especificidade, existe também algumas características em relação ao esporte praticado por pessoas com deficiência, algumas nomenclaturas tratam de

objetos semelhantes, para nosso estudo entenderemos paradesporto e esporte adaptado como sinônimos, que Araújo (1997, p.5), define como sendo a adaptação de um esporte já de conhecimento da população. Este conhecimento está relacionado às regras estabelecidas e sua prática.

Podemos citar o futebol, grande parte da população mundial conhece a modalidade e suas regras, ao menos o básico para que possa ser praticar.

Pegando o futebol para paralisados cerebrais (Futebol de sete), por exemplo, a modalidade e as regras adaptadas são necessárias para que pessoas com deficiência física possam praticá-la são desconhecidas por grande parte da população, ou seja a modalidade convencional mantém a sua essência, mas adaptam-se algumas regras para que possibilite pessoas com deficiência praticá-la (Reis, 2014)

Além disso, existem as modalidades paralímpicas, Esporte paralímpico refere-se ao grupo de modalidades que fazem parte do quadro dos Jogos paralímpicos, alcançadas por um grupo restrito de atletas (Reis, 2014).

Tendo isso em mente, o objetivo do trabalho é apresentar as adaptações do futebol para pessoas com deficiência e compreender o fenômeno inclusivo do futebol através do paradesporto.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo deve ser considerado de origem qualitativa, uma vez que “[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa, pode descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. (Gil, 1999).

Além disso, este trabalho tem como característica ser uma pesquisa documental. Este tipo de pesquisa baseia-se em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (Gil, 1999).

Além de concentrar nossos esforços nas análises documentais como artigos científicos, leis, diretrizes, regras oficiais de competições e de modalidades, nós apoiamos também nos sites das entidades administrativas das

modalidades paradesportivas analisadas na pesquisa.

Para compreensão das modalidades, procuramos entender, quando disponível, informações sobre sua origem, entidade que a administra, processo de classificação e elegibilidade, resultados e dados de competições nacionais e internacionais e suas regras mais importantes.

Ao todo, analisamos seis modalidades, futebol de cinco, futebol de sete, futebol para amputados, futebol para deficientes intelectuais, futebol para deficientes auditivos e Power soccer ou futebol para cadeirantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

FUTEBOL DE 5

O Futebol de 5 é uma modalidade que apenas pessoas com deficiência visual podem praticar, essa derivação do futebol convencional participou pela primeira vez dos Jogos Paralímpicos apenas em Atenas, 2004.

Embora seja recente nas Paralimpíadas, há relatos que sua prática tenha iniciado nos meados da década de 1920 na Espanha.

No Brasil, essa modalidade é administrada pela CBDV (Confederação Brasileira de Desporto para Deficientes Visuais) e o Brasil é o atual tetra campeão paralímpico da modalidade, conquistando o seu último título nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro 2016.

Existem indícios de sua prática na década de 1950, dentro das escolas especializadas para crianças com deficiência visual. Ainda hoje, muitas crianças cegas iniciam a sua formação educacional, social, profissional e esportiva nesses institutos, como é o caso de uma das instituições mais antigas e que ainda está em atividade atendendo este público, o Instituto Benjamin Constant (IBC).

O Futebol de 5 é praticado por pessoas com deficiência visual, divididos em duas categorias, para jogadores B1 (categoria de jogadores com até 5 graus de visão no melhor olho) e jogadores B2/B3 (acima de 5 graus e abaixo de 20 graus no melhor olho), também conhecidos como baixa visão.

A categoria B1 é uma modalidade que faz parte do quadro dos jogos paralímpicos enquanto a categoria B2/B3 pode ser considerada paradesportiva. Para que possam

competir, como em qualquer esporte para pessoas com deficiência, os atletas devem passar pela classificação, para os deficientes visuais, essa classificação consiste em exames clínicos conduzidos por oftalmologistas.

Após passarem pela classificação, os atletas são alocados em uma das 3 classes, B1, B2 ou B3, os jogadores B1 são pessoas cegas, enquanto B2 e B3 são considerados baixa visão.

Segundo Freire (2012, p. 116) o futebol de cinco é uma modalidade coletiva adequada às potencialidades das pessoas cegas.

A sua elaboração foi baseada nas regras do futsal adotadas pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado). Pensando nessas questões foram estabelecidas alterações e adequações.

Ao longo dos anos e com a evolução da modalidade, foram estabelecidas as regras hoje utilizadas. A modalidade paralímpica, para pessoas com 100% de deficiência visual ou B1, segue as regras internacionais da IBSA (*International Blind Sports Association*), algumas delas são de maior importância para uma compreensão inicial da modalidade.

Inicia-se a partida com 4 jogadores na linha e um goleiro, o goleiro pode ser uma atleta baixa visão B2 ou B3, ou, mais comumente usados, um atleta sem nenhuma deficiência Souza (2014).

O número de substituições é ilimitado apenas respeita-se algumas normas para a entrada e saída dos jogadores, a bola tem a sua superfície recoberta por gomos, dentro dos quais são acondicionados e costurados seis guizos de ferros, distribuídos de forma balanceada acompanhando a curvatura da bola.

As quadras podem ser descobertas ou cobertas, o piso pode variar entre madeira, borracha e grama sintética e suas dimensões devem estar entre 38m e 42m de comprimento e de 18m a 22m de largura (Freire 2012; Souza 2014).

FUTEBOL DE 7

Outra modalidade que faz parte dos Jogos Paralímpicos, desde 1984 nos Jogos de Nova York. No Brasil, a modalidade é administrada pela ANDE (Associação Nacional de Desportos para Deficientes Físicos), que

por sua vez responde a CP-ISRA (*Cerebral Palsy International Sports and Recreation*).

A modalidade surgiu de forma oficial durante os 3º Jogos Internacionais para Paralisados Cerebrais (Cruz, 2012)

No Brasil, a modalidade começou a ser praticada no Rio de Janeiro, no fim da década de 1980, reunindo pessoas que tinham paralisia cerebral mais severas.

Ao contrário do futebol de cinco, o Brasil nunca foi campeão paralímpico, embora venha fazendo boas campanhas em competições internacionais.

Em Jogos Paralímpicos, a partir de Sidney 2000, o Brasil sempre terminou a competição entre as 4 primeiras colocadas, sendo o bronze em Sidney 2000, a prata em Atenas 2004, 4º lugar em Pequim 2008 e Londres 2012, e o bronze no Rio 2016.

Além de jogadores com paralisia cerebral, atletas que tenham sequelas de traumatismos crânio-encefálico ou de acidentes vasculares cerebrais também podem participar.

Como em outras modalidades, os jogadores passam por uma classificação funcional que os aloca em 4 classes distintas. As classes são: C5 (atletas com diplegia, membros inferiores mais comprometidos), C6 (atletas com atetose e ataxia), C7 (atletas com hemiplegia) e C8 (atletas com comprometimento mínimo).

Pensando em tornar a modalidade mais inclusiva e equilibrada, cada equipe deve ter em campo pelo menos um atleta da classe C5 ou C6 e no máximo um atleta C8.

Seguindo as regras da FIFA, a modalidade tem algumas alterações na regra, como o número de atletas em campo, que são no total sete, as dimensões do campo também são menores, sendo 75m x 55m podendo variar até 70m x 50m. as metas medem 5m x 2m. a partida dura 60 minutos divididos em dois tempos de 30 minutos.

Não existe impedimento no futebol de sete, pensando na questão da mobilidade dos atletas e o lateral pode ser feito rolando a bola com uma das mãos, além da forma convencional utilizando as duas mãos acima da cabeça, essa mudança do lateral, bem como o impedimento, também foi decidida levando em consideração a limitação de membros superiores por parte de alguns atletas.

FUTEBOL PARA AMPUTADOS

O Futebol para amputados é praticado por pessoas com amputação em membros inferiores, para os jogadores de linha e membros superiores para os goleiros. É disputado em campo de futebol society, com dimensões mínimas de 60mX38m.

Cada equipe tem sete jogadores, as partidas duram 50 minutos divididos em dois tempos de 25 minutos. O goleiro não pode sair da área e as muletas não podem tocar intensamente na bola. O lateral é cobrado com o pé e as substituições são livres, podendo voltar ao jogo jogadores já substituídos.

Quem comanda o futebol para amputados no Brasil é a Associação Brasileira de Desportos para Amputados (ABDA), a modalidade não faz parte do quadro dos jogos Paralímpicos, embora exista competições internacionais, como o Campeonato Mundial, no qual o Brasil venceu quatro vezes, tornando-se a única equipe tetracampeã mundial até o momento (Simim, 2014).

A ABDA foi fundada em 24 de agosto de 1990, com sede no Rio de Janeiro, é uma sociedade sem fins lucrativos, de caráter desportivo, tendo como fundadores as seguintes associações e seus respectivos estados: ANDEF – Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (Niterói-RJ), ACPD – Associação Capixaba de Pessoas com Deficiência (Espírito Santo), CEDE – Clube Esportivo dos Deficientes (Curitiba-PR), AMP – Associação Mineira de Paraplégicos (Belo Horizonte-MG), ADEFAL – Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (Alagoas), APPD – Associação Paraense de Pessoas com Deficiência (Belém-PA) e CADEF – Clube dos Deficientes Físicos.

A Copa do Mundo de Futebol para Amputados foi criada em 1987 pela Amputee Soccer International, com sede em Seattle (EUA).

Dois anos depois, o Brasil já participava pela primeira vez do evento, competindo com as equipes da Inglaterra, El Salvador, Rússia, Guatemala Canadá e Estados Unidos.

O primeiro time de futebol de amputados do Brasil foi formado pela Associação Niteroiense de Deficientes Físicos (Andef) em 1986. A primeira competição da categoria no país foi em Linhares (ES), naquele mesmo ano.

Em 1989, o Brasil participou do seu primeiro Mundial, em Seattle (EUA), onde conquistou o 3º lugar no campo e na arena. Hoje, o Brasil tem nove equipes de futebol de amputados em atividade e é tetracampeão mundial.

Futebol para deficientes intelectuais

A modalidade praticada por deficientes intelectuais no Brasil está muito mais centrada na realização nas quadras, ou seja, muito mais próximo ao futsal.

Embora exista a prática no campo, o pouco material que foi encontrado, inclusive acadêmico, destina-se a ao futsal para deficientes intelectuais, portanto concentraremos nossos esforços nas quadras.

No Brasil, a entidade chamada ABDEM (Associação Brasileira de Desportos para atletas com Deficiência Intelectual) é a responsável por administrar o futsal, além do atletismo e natação. Ela é responsável por permitir que os atletas com deficiência intelectual sejam legitimados para competições do Comitê Paralímpico Brasileiro.

Para um atleta ser legível para competições, ele deve apresentar um QI abaixo de 75, para comprovar isso, existem dois testes psicológicos conhecidos como *Wisc* e *Wais*¹, para isso os atletas devem ter menos de 18 anos e mandar uma ficha com relatório para a ABDEM.

Não existem muitos dados a respeito de competições e participação das seleções nacionais, tão pouco algo que deixe claro uma unificação das regras.

O material encontrado nos permite entender que a modalidade segue as regras da Confederação Brasileira de Futsal, com adaptações no tempo quando se faz necessário, variando de competição para competição.

Em algumas competições, inclusive, existe a separação dos atletas com síndrome de Down dos demais atletas com deficiência intelectual.

Futebol para surdos

O Futebol e o Futsal para surdos são geridos pela Confederação Brasileira de

Desportos para Surdos (CBDS), tendo 16 federações estaduais de esportes para surdos filiadas. As competições de surdos seguem as mesmas regras das competições convencionais com a troca das sinalizações auditivas por visuais, como é o caso do apito no futebol.

Diferentemente das outras modalidades, não existem classificações ou restrições para poder participar dos esportes para surdos, exceto a exigência de que tenha perda auditiva de pelo menos 55 decibéis no melhor ouvido (CBDS, 2016).

Os deficientes auditivos não competem em nenhuma modalidade dentro dos Jogos Paralímpicos, portanto foi criado as Surdolimpíadas de verão. É um evento organizado pelo *International Committee of Sports for the Deaf* (ICSD) e acontece a cada 4 anos. O COI (Comitê Olímpico Internacional) reconhece o ICSD desde 1955, como entidade máxima desportiva internacional para surdos.

A 1ª Surdolimpíadas de Verão foi realizada em 1924, em Paris (França). Inicialmente, eram chamados de "Jogos Internacionais Silenciosos" no período de 1924 a 1965.

De 1966 a 1999 tiveram outra nomenclatura, "Jogos Mundiais Silenciosos". Desde 2000, adota-se o nome Surdolimpíadas (CBDS, 2016).

Além do futebol, existe também o futsal para surdos, ambas as modalidades adaptadas do futebol e futsal convencional. Não existem grandes variações nas regras, com exceção da arbitragem que se utiliza de uma bandeira para sinalizar as infrações e todos os acontecimentos durante a partida.

No ano de 2015, a seleção Brasileira de futsal masculina ficou em 7º lugar e a seleção feminina em 2º lugar no mundial que foi realizado na Tailândia. Não foram encontrados registros das participações das seleções brasileiras em competições internacionais em anos anteriores, se tornando necessária uma pesquisa mais aprofundada sobre isso.

Todo ano acontece o campeonato Brasileiro de Futebol e Futsal para surdos, no ano de 2015 foi realizado na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul e o campeonato brasileiro de futsal foi sediado na cidade do Rio de Janeiro.

¹ Wisc III – atleta até 16 anos e 11 meses. Wais III – atleta até 16 anos e 11 meses em diante; Raven Escala Geral – sem limite de idade (ABDEM, 2016).

Futebol em cadeira de rodas - power soccer

O Power Soccer ou Powerchair Football foi criado na década de 70, dois países dividem o posto de criadores, Canadá e França pensaram numa modalidade que procurava atender pessoas com deficiências mais severas, ambas as modalidades eram similares.

Durante muitos anos, vários países criavam diferentes estilos com suas regras e características próprias, mas que eram baseadas no Power Soccer desenvolvido na França e Canadá.

No ano de 2005, alguns países se reuniram com o intuito de criar um livro de regras que tornasse a modalidade igual em todo o mundo, no ano seguinte, foi criada a Federação Internacional de Futebol em Cadeira de Rodas (FIP-FA).

No Brasil, apenas no ano de 2011 foi criada a Associação Brasileira de Futebol em Cadeira de Rodas (ABFC), entidade que ainda é responsável pela organização e administração do esporte, e reconhecida pela FIPFA como o primeiro membro Sul-americano a desenvolver a modalidade.

O Futebol em cadeira de rodas é praticado numa quadra com as dimensões da quadra de Basquetebol, as equipes são formadas por 4 jogadores, sendo um goleiro e três na linha. A partida é dividida em dois tempos de 20 minutos com 10 minutos de intervalo. A bola tem um diâmetro de 32,5cm, quase o dobro de uma bola de futebol convencional. Os atletas jogam em suas cadeiras motorizadas com o Footguard, espécie de grade que protege e serve para conduzir, dar passes e arremessar a bola ao gol, as cadeiras chegam a no máximo 10km/h.

Assim como as outras modalidades, também existe a classificação funcional no Power Soccer, para serem elegíveis, os atletas devem ter um diagnóstico em paralisia cerebral, miopatias, amputações, lesões medulares entre outras e devem por obrigação fazerem uso da cadeira motorizada para a prática.

Os jogadores são divididos em duas classes, PF1 que apresentam um maior comprometimento e o PF2 que apresenta menor comprometimento. Cada equipe deve ter obrigatoriamente dois atletas PF1 Jogando o tempo todo durante a partida.

Atualmente, a ABFC possui cinco clubes filiados em três estados diferentes, e busca desenvolver ainda mais a modalidade no país, a entidade tem como missão Administrar, desenvolver e organizar a modalidade Power Soccer, em nível nacional.

Ser a representante brasileira da modalidade em nível internacional, junto aos órgãos competentes, competições e eventos, além de buscar consolidar a prática desta modalidade desportiva entre as pessoas com deficiência usuárias de cadeira motorizada no Brasil, através de medidas que visem obter melhorias em sua condição de existência.

Atuar junto à comunidade e aos poderes públicos e privados, a fim de promover sua plena integração na sociedade. Pensando nisso, no ano de 2014 aconteceu a primeira convocação da seleção brasileira que buscava participar do I mundialito de Power Soccer.

Após o levantamento das informações das adaptações futebolísticas, entendemos que o futebol é a modalidade esportiva com maior quantidade de adaptações reconhecidas para pessoas com deficiência.

Para Winnick (1990, p.23) são experiências esportivas modificadas ou especialmente designadas para suprir as necessidades especiais de indivíduos.

Duas dessas adaptações, fazem parte do quadro dos Jogos Paralímpicos, Futebol de 5 e Futebol de 7.

As outras adaptações, que podemos considerar como modalidades paradesportivas, embora não participem dos Jogos Paralímpicos, são representadas por uma entidade que organiza suas regras, eventos, campeonatos e é responsável pela formação de uma seleção, além disso, todas as modalidades estão representadas em inúmeros países e continentes, sendo praticadas seguindo uma mesma regra em todos esses locais.

Como observamos nas modalidades apresentadas, um grande número de diferentes deficiências, podem praticar o futebol a partir da adaptação nas regras e, portanto, surgindo essas modalidades.

A deficiência Física através dos amputados, da paralisia cerebral no Futebol de 7 e dos atletas com um maior grau de comprometimento físico no Power Soccer, a deficiência auditiva e intelectual e a deficiência visual e baixa visão no futebol de 5.

Isso demonstra como o futebol é objeto de desejo pela prática por um grande número de pessoas, e foi através da busca por essas práticas que surgiram essas adaptações do futebol, justamente com o intuito de incluir e permitir que todos os grupos de pessoas, com e sem deficiência, pudessem jogar futebol.

Corroborando com nossa ideia, Freire acredita que: “dentre as modalidades esportivas coletivas, o futebol é indubitavelmente o fenômeno esportivo de maior difusão mundial. Possui poder de alcance nas mais diversas culturas, influenciando comportamentos, costumes e tradições. Fascina diferentes populações que, na ânsia de praticá-lo, buscam novas maneiras de jogar capazes de atender suas peculiaridades. Fato que possibilita uma reconstrução do fenômeno, criando novos e diferentes “futebóis” (Freire, 2012, p.116).

Podemos notar que em todas essas modalidades, os selecionados brasileiros têm obtido bons resultados em competições internacionais. Isso demonstra que assim como na seleção brasileira gerida pela CBF, onde existe uma tradição e um reconhecimento por parte do meio futebolístico, acontece o mesmo, ou muito próximo disso, nas modalidades paradesportivas do futebol.

Essas modalidades além de procuradas por atletas, elas chamam a atenção do público, pois em alguns casos são muito próximos do futebol convencional é o caso do “Futebol de Sete, pela semelhança com o Futebol da FIFA, é uma das modalidades de desportos coletivos que mais atraem o público nos eventos internacionais, como no caso dos Jogos Paralímpicos” (Cruz, 2012, p.130).

Todas as modalidades analisadas seguem as regras primárias da FIFA, apenas adaptando o que for necessário para que os atletas possam jogar em plenitude e em situação de igualdade perante os outros jogadores. Essas adaptações variam de acordo com a deficiência dos indivíduos participantes.

Com isso cada vez mais clubes estão sendo formados no Brasil, permitindo que pessoas com diferentes deficiências possam praticar futebol e “a força do futebol em todo mundo é, sem dúvida, um dos principais fatores que determinam o surgimento dessas novas equipes” (Cruz, 2012, p.130).

CONCLUSÃO

Ao fim do trabalho, podemos confirmar que “o futebol é o fenômeno cultural mais difundido no mundo de hoje.” (Franco Júnior, 2007, p.393).

Tal fenômeno desperta o interesse pela prática por diferentes grupos de pessoas, diferente idade, sexo, classe social e deficiência. As modalidades paradesportivas oriundas do futebol surgem com esse objetivo, oferecer a prática da modalidade para todos.

As modalidades paradesportivas adaptadas do futebol permitem a inclusão de pessoas que tenham algum tipo de deficiência a praticar uma modalidade que lhes faz bem, em vários sentidos, principalmente na questão da sociabilização, do pertencimento a um grupo, da participação em eventos e competições, que muitas vezes são realizadas em cidades, estados e países diferentes, dando a oportunidade do atleta conhecer culturas diferentes.

REFERÊNCIAS

- 1-Araújo, P. F. Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1997.
- 2-Cruz, P. Futebol de Sete. In: Winckler, C.; Mello, M. T. Esporte Paralímpico. Atheneu. 2012.
- 3-Franco Júnior, H. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras. p. 349. 2007.
- 4-Freire, J.; Morato, P.M. Futebol de Cinco. In: Winckler, C.; Mello, M. T. Esporte Paralímpico. Atheneu. 2012.
- 5-Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª edição. Atlas. 2008.
- 6-Reis, R. E. Políticas Públicas para o esporte paralímpico brasileiro. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014
- 7-Rinaldi, W. Futebol: manifestação cultural e ideologização. Revista da Educação Física/UEM. Vol. 11. Núm. 1. p.167-172. 2008.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

8-Simim, M. A. M.; Da Silva, B. V. C.; Da Mota, G. R. Futebol para amputados: aspectos técnicos, táticos e diretrizes para o treinamento. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. Vol. 7. Núm. 25. p. 246-254. 2015. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/335/285>>

9-Souza, R.P.; Campos, L.F.; Gorla, J.I. Futebol de 5: Fundamentos e Diretrizes. Atheneu. 2014.

10-Winnick, P.J. *Adapted Physical and Sport*. Champaign. Human Kinetics. 1990.

Recebido para publicação em 17/10/2016

Aceito em 06/02/2017